

Há temas os quais, embora recalçados sempre de novo, insistem em ressurgir e tona. O diabo é um desses temas. Acompanha, ora como motivo principal, ora como sugestão apenas perceptível, o desenrolar da sinfonia do pensamento individual e coletivo. Aparece nas paredes das cavernas do Madaleniano. No Egito pré-dinástico domina a cena da arte figurativa. Devora incontáveis vítimas oferecidas em holocausto em todas as civilizações mesopotâmicas. Disputa com o seu parceiro e rival o governo do mundo na civilização persa. Espalha medo pânico entre os gregos arcaicos. Confunde e tenta os santos fundadores da Igreja. Esconde-se nas torres das catedrais góticas. Interrompe as devotas conversações de Lutero. Na literatura atual aparece numa das obras mais representativas no âmbito mundial (Dr. Faustus de Thomas Mann), e no âmbito brasileiro (Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa). Nas duas pseudo-religiões do século vinte, fascismo e marxismo, assume a forma levemente sublimada de "judaísmo" e "capitalismo". Domina o pensamento existencial nos trajes do pseudo-conceito "nada". O intelecto recomenda: "Honada. Não se pense nele." A angústia e o nojo, este humus amorfo do qual o intelecto brota, não se dão por satisfeitos.

Kafka nota: "A fé no diabo é impossível. Mais diabo do que há não pode existir." É uma frase tipicamente diabólica. Reina nela uma confusão proposital e sistemática. Mais que articulação é ela tremor e ranger de dentes. Esconde e revela a um tempo o tema principal da nossa consciência: a dificuldade de distinguir entre diabo e o seu rival, tradicionalmente chamado "Deus." Essa distinção é automaticamente alcançada na fé em "Deus" em qualquer de suas formas, mesmo nas formas ingenuas de "nação" ou "proletariado". Aquele que tem a graça da fé em qualquer de suas formas comeu da árvore da sabedoria e sabe distinguir entre o Mal e o Bem. Mas quando a dúvida se instala e quando a fé periclita, essa distinção se torna problemática. Intelectualmente, é verdade, podem ser construídas normas de comportamento e escalas de valores. Mas falta autenticidade a estes substitutos de fé. O motivo vivencial da escolha e do conseqüente comportamento daquele quem tem fé é a fuga do diabo. Fugir do diabo e "procurar Deus" são sinónimos no território da fé. Quando a fé desaparece, desaparece o motivo vivencial da escolha, e é substituído por um pálido motivo racional. A liberdade, que antes era escolha entre pecado e virtude, passa a ser um conceito abstrato e esvaziado de conteúdo existencial. Existencialmente tornou-se impossível distinguir entre o

Mal e o Bem. A confusão entre o Mal e o Bem representa, no entanto, a vitória do diabo. É essa a situação que Kafka articula na frase citada. Estas considerações iluminam com luz fraca e difusa o aspeto ético do diabo. São elas ecos apenas audíveis da luta que se desenvolve no nosso foro íntimo, naquele núcleo do nosso Eu que Camus chama de "honestidade". Não são, portanto, e rigor articuláveis. Não se pode, a rigor, discutir o diabo deste ponto de vista, embora as religiões tradicionais o tenham tentado fazer em milhares de tratados teológicos. O diabo como fonte da liberdade autêntica não é discutível, mas apenas vivível ("erlebbar"). É o aspeto ontológico do diabo, o diabo como horizonte do Ser, que pode ser discutido e que formará portanto o tema deste artigo. Em outras palavras: o tema é não tanto o diabo como sedutor das almas, mas o diabo como príncipe das trevas e senhor do inferno.

A nomenclatura à qual estou recorrendo é propositalmente medieval, mas não pretendo chocar o leitor. Quero, isto sim, colocar a discussão no seu contexto apropriado. A especulação filosófica atual retomou o fio da conversação lá aonde os escolásticos do século 15 o deixaram cair, mas esta circunstância é mascarada pela nova nomenclatura. Restaurando a nomenclatura medieval, estaremos restabelecendo conscientemente a corrente da tradição. reformulemos, sob este prisma, essa tradição:

Com efeito, a tradição ocidental é caracterizada por duas tendências, uma dominante e outra recessiva. A dominante, a "ortodoxa", pode ser identificada, grosso modo, com o cristianismo. A recessiva, a "hérese", pode ser identificada, grosso modo, com o maniqueísmo. A história do pensamento ocidental pode ser encarada como luta intrincada entre as duas tendências, cabendo, via de regra, aos elementos judeus e latinos a defesa da ortodoxia, e aos elementos germânicos, eslavos e orientais a defesa da heresia. Para a ortodoxia o Ser transcende as aparências, para a heresia o Ser se resume nas aparências. Como ambas usam a nomenclatura da ortodoxia dominante, podemos dizer que a ortodoxia luta por Deus e a heresia pelo diabo.

A Idade moderna, cujos últimos instantes presenciamos, ofusca a visão da tradição ocidental conforme aqui foi exposta. A dúvida cartesiana que inaugura a Idade moderna resulta no espírito científico aparentemente maniqueico, já que aparentemente preocupado exclusivamente com as aparências. Entretanto, trata-se de uma ortodoxia disfarçada, já que a ciência procura descobrir leis, isto é o Ser que transcende as aparências. Recorrendo a

um paradoxo, podemos dizer que a ciência é uma ortodoxia com métodos heréticos. É uma procura de Deus através a pesquisa do diabo. É portanto muito difícil e artificial querer distinguir a tendência cristã e maniqueia no curso da Idade moderna, embora ambas as tendências continuem ativas subterraneamente, como se torna aparente atualmente.

Do ponto de vista ontológico a procura científica pode ser considerada como concluída. Embora a ciência continue avançando com ritmo acelerado, abriu mão da pretensão de penetrar até o Ser. Não pode, portanto, mais substituir a religião, como o fez nos séculos 18 e 19. O cientifismo morreu, e com ele morreu, (ou está morrendo), a Idade moderna. Resparecem, metamorfoseados, o "cristianismo" e o "maniqueísmo". O diabo volta a ser, quase conscientemente, um tema central da discussão, e isto mais acentuadamente, porque o "maniqueísmo" domina a cena da atualidade.

A posição maniqueia atual está resumida na frase de Nietzsche: "Deus está morto." A posição ortodoxa, definida por Nietzsche como "nihilismo platônico", está na defensiva. Os papéis das duas tendências tradicionais se inverteram. Os elementos germânicos, eslavos e orientais triunfam, (talvez provisoriamente) sobre os elementos judeus e latinos. O Império Romano, base inconsciente do ocidente, está sendo invadido, mais uma vez, pelos bárbaros fora e dentro do limes. Aproximamo-nos de uma nova Idade média, talvez tão fervorosa, diabólica e crente quanto a primeira. Consideremos a posição maniqueia da atualidade:

Básicamente, ela assume duas formas: a do existencialismo, e a do neopositivismo. O existencialismo diz respeito à situação do homem no mundo e representa um humanismo curiosamente invertido. O homem foi jogado pelo "fundamento que não gosta de nós" (Rilke), isto é pelo diabo, para dentro do mundo sem ser previamente consultado. Duas são as situações que resultam deste "estarmos jogados": podemos continuar decaindo em direção da morte, nojentamente e angustiados, ou podemos projetar-nos contra as nossas origens, honestos e preocupados. Em ambos os casos o nosso destino é absurdo, porque o "nada", (o diabo), está à nossa espera tanto no fim do trajeto da decadência, como no fim do trajeto do projeto. Somos criaturas do diabo, e seremos sua presa, quer nos afastemos dela decaindo, quer nos projetemos contra ele. O inferno é o horizonte do Ser em todas as direções, e o próprio Ser não passa de uma espécie de inferno transitório pelo qual a existência passa em seu caminho do inferno para o inferno. Em

bora os diversos pensadores existenciais variem este tema básico até que este se tornar quase irreconhecível, e embora cheguem a resultados tão a simétricos como Heidegger, Sartre, Camus e Buber, esta é, no fundo a posição do existencialismo. Trata-se de um maniqueísmo radical, o qual se distancia do maniqueísmo medieval sómente pela sua insistência na "vivência" e na "vontade", e desconhece, portanto, a esquece dos héreres medievais.

O neo-positivismo diz respeito à capacidade do homem de conhecer o mundo e prega uma alinação total entre homem e mundo. O homem está para o mundo como dois espelhos estão um para o outro, se estiverem pinturados dentro de um quarto vazio em paredes opostas (Wittgenstein). Um espelha o outro e nada mais. Os pensamentos do homem são símbolos do mundo, e o mundo é a projeção dos pensamentos humanos. Na realidade, o espírito humano está fechado sobre si mesmo, e a atividade intelectual equivale, quanto ao seu significado "real", ao jogo de xadrez. O homem está encarcerado dentro do seu intelecto, num inferno particular, com efeito. "Somos ilhas." O clima de uma teoria de conhecimento assim concebida é o da frustração e do desespero. Conduz ao suicídio do intelecto: (O que não pode ser feado, deve ser caído). A língua, concebida como um sistema esteril e tautológico de símbolos e regras, é o único campo de atividade do intelecto. Com efeito, a língua é o diabo. O neo-positivismo é o lado epistemológico do maniqueísmo atual, o existencialismo é o seu lado ontológico. Muito embora os dois não tivessem ainda unida as suas forças, essa alienação é facilmente reelisável.

A tendência ortodoxa da nova Idade que está se aproximando não pode ser ainda caracterizada. Por enquanto manifesta-se tão sómente como resíduos ingenuos da Idade moderna moribunda. Está não sómente na defensiva, como representa a reação à situação atual do pensamento ocidental. É neste sentido que podemos falar em "crise do Ocidente". A sobrevivência daquilo que chamamos "civilização ocidental" depende de uma reformulação autêntica da posição ortodoxa, depende, portanto, de uma reformulação daquilo que é chamado, tradicionalmente, "diabo". Se essa reformulação for conseguida, se conseguirmos incorporar no conceito "diabo" os aspectos existenciais do "nada" e os aspectos epistemológicos da "língua", surgirá automaticamente uma nova fé e uma nova escala autêntica de valores. Não sendo possível a fé no

diabo, como diz Kafka, acareta a definição nova do conceito "diabo" automaticamente a fé no seu rival. A ortodoxia, em sua posição defensiva em face do maniqueísmo novo, precisa cruzar armas com ele no terreno por ele escolhido. As tentativas das religiões tradicionais de enfrentar as ideias novas em terreno antigo são desesperadas. Não é destruindo, mas ultrapassando o novo maniqueísmo que poderemos, talvez, salvar a civilização ameaçada. É preciso enfrentar o diabo em sua forma atual, se quisermos enquadrá-lo num esquema de valores novo. Não podemos, entretanto nutrir a esperança de destruí-lo. A destruição do diabo, por inimaginável que seja, seria, logicamente, a destruição de "Deus".

Desde a Idade das cavernas o diabo acompanha a história humana. Sofreu, evidentemente, modificações apreciáveis no decurso dessa história. A serpente e o bode astutos e obscenos se transformaram em filósofo e moralista. Entretanto, o filósofo continua astuto, e o moralista continua obsceno. As modificações do diabo eram superficiais. A serpente e o bode podem ser descobertos na cena atual da história humana com facilidade. Já não estamos acostumados, como o eram os pensadores da Idade média, de procurar a explicação da situação na qual nos encontramos nas artemanhas do diabo. Damos mais crédito a explicações pseudo-científicas, por exemplo econômicas, psicológicas ou biológicas. Entretanto, essas explicações talvez não passem de transposições do velho tema "diabo". O maniqueísmo, tal como o tentei expor, volta ao método medieval da explicação. A ortodoxia deverá seguir-lhe o exemplo. A nomenclatura medieval facilitará essa tarefa. Sendo mais ingenua, é também mais autêntica. Dada a existência da bomba termo-nuclear e das máquinas automatizadas com seus cérebros autônomos, não me parece ser a palavra "diabo" inapropriada à explicação da situação na qual nos encontramos.